



## Conflitos de gerações: Gustavo Corção e a juventude católica

Generation conflict: Gustavo Corção and Catholic Youth

Christiane Jalles de Paula\*

### Resumo

Este artigo aborda o combate que empreendeu Gustavo Corção à juventude católica brasileira nas páginas do *Diário de Notícias* e d'*O Globo* entre as décadas de 1950 e 1960. No caso em tela, interessa-nos entender as reações de Gustavo Corção às mudanças na sociedade e na Igreja Católica entre 1957 e 1964. A hipótese é que as críticas de Corção explicitam o conflito entre duas gerações de católicos: uma conservadora, a dele; e outra progressista, a das organizações de jovens católicos, mais especificamente, a da Juventude Universitária Católica (JUC). Apresentaremos a disputa a partir do exame da seguinte questão: o papel que a juventude brasileira deveria desempenhar naqueles anos. O objetivo é mostrar que suas críticas à opção de ação temporal assumida pelas organizações de juventude católica devem ser lidas pela chave do conflito geracional que marcou o campo católico brasileiro.

**Palavras-chave:** Catolicismo. Gerações. Gustavo Corção. Juventude católica.

### Abstract

This paper discusses the fight of Brazilian Catholic Youth Gustavo Corção in the newspapers *Diário de Notícias* and *O Globo* in the 1950s and 1960s. In case we are interested in understanding the reactions of Gustavo Corção to changes in society and the Catholic Church between 1957 and 1964. The hypothesis is that the criticism of Corção explains the conflict between two generations of Catholics: a conservative and other progressive, represented by the Catholic youth organizations, more specifically, the Youth Catholic University. We are going to examine the question: the role that Brazilian youth should play in those years. Therefore, the aim is to show that his criticism of the political action undertaken by the young catholic organizations should be read by the key of generation conflict which has marked the Brazilian Catholic field.

**Keywords:** Catholicism. Generations. Gustavo Corção. Catholic youth organizations.

---

Comunicação submetida em 10 de abril de 2012 e aprovado em 24 de maio de 2012.

\* Doutora em Ciência Política pelo Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro. Pesquisadora-docente da Fundação Getúlio Vargas. País de origem Brasil. E-mail: christiane.jalles@fgv.br

## Introdução

Pierre Bourdieu (1984, p. 153) adverte que os sentidos das palavras juventude e velhice são sempre sociais; que são resultados de disputas que têm suas “leis específicas, as paradas em jogo e as divisões que esta luta opera”; e, por fim, que não é possível tratar de juventude/velhice no abstrato. Em suma, faz-se necessário compreender os sentidos que determinada sociedade, em determinada época, dão a essas palavras, pois “a idade é um dado biológico socialmente manipulado e manipulável” (BOURDIEU, 1984, p. 153).

Seguindo as direções indicadas por essas observações do sociólogo francês, este artigo abordará o combate que empreendeu Gustavo Corção<sup>1</sup> à juventude católica brasileira nas páginas do *Diário de Notícias* e d'*O Globo* entre as décadas de 1950 até meados dos anos 1960. Buscar-se-á, aqui, mostrar como alguns aspectos da sua oposição à juventude católica devem ser lidos pela chave de um conflito de geracional, tal como entendido por Karl Mannheim (1993), que, em seu clássico estudo sobre o problema das gerações, ensina que gerações são produtos da colisão entre o tempo biográfico e o tempo histórico, são demarcadas pelo compartilhamento de uma mesma visão de mundo. Geração é uma dimensão analítica que nos permite compreender as mudanças sociais, de “estilos de pensamento” e da ação.

No caso em tela, interessa-nos entender duas gerações de católicos. A ideia não é nova. Já se encontra na apresentação escrita por Luiz Alberto Gómez de Souza para a coletânea *Cristianismo hoje* (CARDONNEL; SOUZA; SOUZA, 1962). Nela, o autor chama a atenção para a emergência de uma nova geração no campo católico brasileiro □ a

---

<sup>1</sup> Gustavo Corção Braga nasceu no Rio de Janeiro em 1896. Abandonou a faculdade de Engenharia em 1920 e fez levantamentos topográficos, tendo também trabalhado como engenheiro especializado em eletricidade industrial, em cidades do interior do Rio de Janeiro. Em 1925, voltou à Capital Federal e, a convite de Manuel Amoroso Costa, tornou-se professor assistente de Astronomia da Escola Politécnica. Mais tarde, assumiu a cadeira de Eletrônica na Escola Técnica do Exército, atual Instituto Militar do Exército (IME). Paralelamente às suas atividades docentes, foi técnico de Radiotelegrafia e Telefonia da Radiobrás, tendo ainda trabalhado no setor de telecomunicações da Rádio Cinefon Brasileira. Nas décadas de 1920 e 1930, foi simpático ao comunismo e teve, inclusive, ligações com militantes comunistas antes de sua conversão ao catolicismo. Em 1936, morreu sua esposa, e o ocaso familiar lançou-o em crise existencial. Carlos Chagas Filho lhe apresentou Alceu Amoroso Lima, que lhe abriu as portas da Ordem de São Bento. Em 1939, converteu-se ao catolicismo. Publicou vários livros: *A descoberta do outro*, 1944; *Três alqueires e uma vaca*, 1946; *Lições de abismo*, 1951; *Fronteiras da técnica*, 1953; *Dez anos*, 1956; *Claro e escuro*, 1958; *O desconcerto do mundo*, 1961; *Duas cidades, dois amores*, 1967; *A tempo e contratempo*, 1969; e *O século do nada*, 1973. Na esfera pública, foi colunista da *Tribuna da Imprensa*, entre 1949 e 1952, do *Diário de Notícias*, entre 1953 e 1967, e de *O Globo*, entre 1968 e 1978.

dos jovens católicos da Juventude Universitária Católica (JUC) e da Ação Popular (AP). O surgimento dessa geração é datado no final da década de 1950 e, para o autor, os textos da coletânea são fundadores dessa nova geração, que mudou o catolicismo brasileiro. Dessa forma, Gómez de Souza analisa sob a ótica dessa nova geração as disputas que foram sendo criadas no campo católico brasileiro (CARDONNEL; SOUZA; SOUZA, 1962).

Partindo dessas considerações, nossa proposta é apresentar o embate entre as duas gerações de católicos, a fim de perceber como se deu a sobreposição e/ou coexistência dessa nova geração com a que já estava estabelecida no campo católico brasileiro, e quais argumentos foram utilizados no conflito (BOURDIEU, 1984, p. 162). Diante disso, propomos trazer à luz a dinâmica da batalha geracional, uma vez que, como afirmou Karl Mannheim (2004, p. 70): “eu não saberia o que responder se me perguntassem quem sou ou o que sou; seria outro o caso, porém, se a pergunta fosse o que sou aos olhos de A ou B. É através das visões dos outros que nos compreendemos a nós mesmos.”

Para dar conta desse jogo, usaremos dois conjuntos de fontes: os escritos de Gustavo Corção nos jornais cariocas (primeiro no *Diário de Notícias*, e depois em *O Globo*) entre 1957 e 1964 como representações do ponto de vista e visão de mundo da geração que reagiu aos avanços da “geração emergente”. Quanto aos posicionamentos da outra geração, recorreremos aos textos da coletânea já citada – de autoria de Frei Cardonnel, de Pe. Henrique Vaz, de Herbert José de Souza – e também à apresentação de Luiz Alberto Gómez de Souza. Além disso, faremos uso do trabalho deste último, *A JUC: os estudantes católicos e a política* (GÓMEZ DE SOUZA, 1984).

Teoricamente, consideramos as posições de Gustavo Corção sob a ótica de “estilo de pensamento” e ação típicos à ideologia “conservadora” (PAULA, 2007); em oposição ao “estilo de pensamento” e da ação “progressista” dos jovens da JUC/AP. Como mostra Paula (2007), a produção jornalística de Corção caracteriza-se pelo combate sistemático à JUC e à AP em razão do “progressismo” de suas ideias e práticas. Além disso, a autora expõe como, em muitos momentos, a luta entre Corção e membros da JUC/AP foi travada abertamente.

Fazendo uso tanto dos escritos de Corção como os dos membros da JUC/AP, buscaremos responder a seguinte questão: qual era o papel da juventude brasileira, especialmente a católica, para cada uma dessas duas gerações do laicato brasileiro? Isso torna possível, por um lado, lançar luz sob a dinâmica dessa disputa e entender as diferentes

visões de mundo compartilhadas por essas duas gerações de leigos católicos brasileiros. De outro, poderemos compreender a estrutura de pensamento de suas gerações, as disposições daqueles que combateu, e os matizes das batalhas entre elas.

Antes, porém, faz-se necessário traçar um panorama do campo católico<sup>2</sup> em meados do século XX no que se refere ao laicato.

## 1 Os leigos no catolicismo brasileiro

Desde o início do século XX o Vaticano buscou reconquistar o mundo moderno pelo esforço de conversão de membros dos diversos segmentos sociais, especialmente os intelectuais. O apostolado leigo era um dos aspectos do “projeto de neocristandade” que propunha a recristianização da sociedade moderna. No pontificado de Pio XI (1922-1939) foi lançada a Ação Católica, que alcançou seu apogeu no período de Pio XII (1939-1959), apesar da mudança no papel do laicato entre os pontificados. Enquanto para o primeiro a Ação Católica era “a participação dos leigos no apostolado hierárquico da Igreja”, Pio XII falou em “colaboração dos leigos” (GÓMEZ DE SOUZA apud COSTA, 2002, p. 92). Sem dúvida, a estratégia de arregimentação de leigos através da Ação Católica assegurou uma presença visível da Igreja Católica nos assuntos seculares, e que, de acordo com Riolando Azzi, após o fim da Segunda Guerra Mundial em 1945, alimentou duas correntes de pensamento e práxis entre os católicos. Azzi (2006, p. 21) afirma que “[...] a primeira enfatizava a necessidade de uma modernização expressiva da instituição católica [..]. A outra corrente sustentava a necessidade de permanência da organização eclesial nos mesmos moldes estabelecidos ao longo dos cem anos do predomínio ultramontano”.

No Brasil o movimento de arregimentação dos leigos teve início em 1922, quando, com o apoio de D. Sebastião Leme<sup>3</sup>, o jornalista recém-convertido Jackson de Figueiredo<sup>4</sup>

---

<sup>2</sup> Entendo a noção de *campo* no sentido dado por Bourdieu (2001), ou seja, espaço social de dominação e de conflitos. Cada campo tem certa autonomia e possui suas próprias regras de organização e de hierarquia social. Como num jogo de xadrez, os indivíduos agem ou jogam segundo sua posição social nesse espaço delimitado.

<sup>3</sup> Sebastião Leme de Silveira Cintra foi arcebispo de Olinda e Recife entre 1916 e 1921 e arcebispo do Rio de Janeiro entre 1930 e 1942. Na inauguração de seu bispado em Olinda e Recife divulgou uma Carta Pastoral, datada de 16 de junho, que, para Thomas Bruneau (1974), representou o primeiro passo significativo para a reorientação e mobilização da Igreja no Brasil.

fundou o Centro Dom Vital. Com a finalidade de recatolização da nossa intelectualidade, tendo como premissa o primado do espiritual ou o seu resgate, o Centro rapidamente aglutinou e provocou a conversão de intelectuais ao catolicismo. A morte abrupta e prematura de Jackson de Figueiredo, em 1928, e a indicação de Alceu Amoroso Lima<sup>5</sup> para sucedê-lo na direção do Centro interromperam a direção precipuamente política dada por Jackson. Assumindo a presidência do Centro, Alceu adotou várias iniciativas com intuito de espiritualizar a elite brasileira. Uma das mais importantes foi a organização da Ação Católica Universitária (AUC), em 1929. No âmbito político, a tentativa de Alceu de manter o Centro afastado da vida partidária do país acabou sucumbindo ante a realidade nacional. As transformações na ordem política e social do país no início da década de 1930 forçaram a Igreja Católica a sair da sua posição de observadora e defender seus pontos de vista. Essa chave explica a mobilização do catolicismo brasileiro, em particular do Centro Dom Vital, na Liga Eleitoral Católica (LEC)<sup>6</sup>. Outro importante espaço de atuação dos leigos do Centro Dom Vital foi a revista *A Ordem*, órgão de divulgação do Centro. Nas suas páginas, principalmente os membros do apresentaram posições não de todo unânimes, principalmente em assuntos políticos, mas se uniram pelo projeto de neocristandade.

Um dos mais férteis terrenos de experimentos sacerdotais e leigos foi a Ação Católica Brasileira (ACB), criada em 1935, por D. Sebastião Leme. A ACB foi fundada no Brasil 13 anos após as solicitações do papa Pio XI para que fossem fundadas em todo mundo associações leigas vinculadas à Igreja para organizar a participação leiga na busca de uma ordem social baseada nos preceitos do catolicismo. De acordo com Abreu et al. (2001, p. 23), “a ACB deveria colocar-se sob a imediata dependência da hierarquia eclesiástica, exercendo suas atividades fora e acima de qualquer organização ou influência

---

<sup>4</sup> O jornalista Jackson de Figueiredo Martins converteu-se ao catolicismo entre 1918 e 1919 e, com o objetivo de recatolizar a intelectualidade brasileira, fundou a revista *A Ordem e o Centro Dom Vital* (BRUNEAU, 1974).

<sup>5</sup> Alceu Amoroso Lima, também conhecido pela alcunha de Tristão de Atayde, que usava como crítico literário e que abandonou ao converter-se ao catolicismo, em 1928, foi a principal liderança leiga do Brasil no século XX (ABREU et al., 2001).

<sup>6</sup> “Criada em 1932 no Rio de Janeiro, então Distrito Federal, por dom Sebastião Leme da Silveira Cintra, a LEC tinha como objetivo mobilizar o eleitorado católico para que este apoiasse os candidatos comprometidos com a doutrina social da Igreja nas eleições de 1933 para a Assembleia Nacional Constituinte e de 1934 para a Câmara Federal e as assembleias constituintes estaduais. A LEC atuou ainda nas eleições presidenciais de 1945, nas eleições para a Assembleia Constituinte de 1946 e nas eleições presidenciais de 1950. Em 1962, passou a denominar-se Aliança Eleitoral pela Família (Alef)” (ABREU et al., 2001, p. 3118).

político-partidária”. Em 1948, passou a ser organizada nacionalmente por segmentos sociais, entre os quais destacamos a Juventude Estudantil Católica (JEC) e a JUC (ABREU et al., 2001).

A participação de Gustavo Corção nos meios católicos esteve inexoravelmente ligada a essas instituições. Pouco após sua conversão, em julho de 1939, Corção iniciou sua colaboração em *A Ordem* e, pouco depois, assumiu a chefia da redação da revista (VILLAÇA, 1975). Corção, a partir da ida de Alceu para os Estados Unidos, em 1950, ficou responsável pela direção do Centro Dom Vital.

Corção agiu especialmente na formação de jovens ligados à JUC, tendo sido chamado inúmeras vezes para proferir palestras e conferências em núcleos da JUC em todo o país (PAULA, 2007). Contudo, no final da década de 1950 foi considerado pelos jovens, inclusive muitos deles membros da JUC, o “inimigo número um ou dois dos estudantes brasileiros” (PAULA, 2007, p. 110). O ponto principal da liça envolveu as antagônicas concepções sobre o papel da juventude: ação missionária (Corção) *versus* ação temporal (JUC). Num momento em que os jovens católicos brasileiros assumiram um papel importante no jogo político e social brasileiro e a JUC passou a debater seu próprio estatuto no campo católico, o conflito que se estabeleceu entre Gustavo Corção e a JUC apresenta o embate entre duas gerações de católicos.

## 2 O papel da juventude católica

Em 1953, quando Corção começou a escrever no *Diário de Notícias*, então o periódico de maior tiragem do Rio de Janeiro, o Brasil fervilhava sob a égide do “nacionalismo de apelo democrático” do Segundo Governo Vargas (GUIMARÃES, 2001, p. 164) que redundou em um amplo debate quanto às possibilidades e implicações da democratização da política e sociedade brasileiras. Corção teve sua *práxis* marcada pela oposição a essas mudanças modernizadoras e democratizantes. O que marcou seu pensamento e sua ação em acordo com as lentes do conservadorismo<sup>7</sup>. A partir de 1956,

---

<sup>7</sup> “A mera existência do conservantismo como uma tendência coerente significa que a história está desenvolvendo-se cada vez mais nos termos da interação de tais ‘tendências’ e ‘movimentos’ abrangentes, alguns dos quais são ‘progressistas’ e estimulam a mudança social, enquanto outros são ‘reacionários’ e a retardam. [...] Embora no início as nações permaneçam, em grande medida, social e culturalmente autônomas,

quando a direção da União Nacional dos Estudantes (UNE) foi conquistada pelos partidários dos movimentos nacionalistas, Corção reservou seus ataques aos estudantes. Possivelmente, por considerá-los o fiel da balança do movimento, mas, certamente, em resposta à mudança política que a direção da UNE imprimiu ao movimento, e que levou a um amplo movimento de politização estudantil.

Na crônica “Estudantes” (Diário de Notícias, 08/09/1957), pouco depois da realização do VII Conselho Nacional da JUC que havia ocorrido no mês de julho em Recife, Gustavo Corção expôs seu inconformismo com a forma como estava proposta a inserção dos estudantes católicos nos debates políticos. A crítica de Corção dizia respeito às considerações de que os estudantes comporiam classe, que significava a expressão de uma politização equivocada, que devia ser rejeitada. Em seu lugar, Corção recomendava que fosse construído o entendimento de que o conjunto dos estudantes era um “estado provisório”, uma vez que formado por um grupo social fluido e acidental, cuja função resumia-se a “estudar as matérias de seu curso, e deve aplicar-se intensamente nesse propósito” (CORÇÃO. Diário de Notícias, 08/09/1957).

As decisões da conferência nacional da JUC, em 1959, reiteraram a deliberação pelo engajamento na ação política como parte do seu compromisso evangélico. O que radicalizou o antagonismo entre gerações. Scott Mainwaring (1989, p. 84) mostra que essa mudança levou a JUC ao debate sobre a realidade brasileira e aproximou-a dos movimentos de esquerda e ao envolvimento com a política estudantil. Isso provocou pressões de setores do clero e do laicato que discordavam da orientação da JUC. Para Corção, as deliberações dos estudantes católicos simbolizavam rachaduras na Muralha.

As pressões evidenciavam que estava surgindo outra geração de católicos, bem diversa daquela à qual Corção pertencia. A geração nascente partilhava outra concepção do papel do jovem católico no mundo. Esta gravitava em torno da ideia de um “ideal histórico”

---

o problema social e econômico fundamental em todos os Estados modernos é de tal maneira estruturalmente semelhante a ponto de não ser surpreendente que divisões sociais e intelectuais paralelas se reproduzam em todos eles. Esses problemas estruturais comuns a todos os Estados modernos incluem o seguinte: 1) o estabelecimento da unidade nacional; 2) a participação do povo no governo do país; 3) a incorporação do Estado na ordem econômica mundial; 4) a solução da questão social” (MANNHEIM, 1982, p. 113).

(GÓMEZ DE SOUZA, 1984)<sup>8</sup>. Uma das suas consequências foi a homogeneização de pensamento e de ação resultou em militância na política universitária e na abertura para os diversos temas sociais da nação brasileira.

Em julho de 1960, por ocasião do Conselho Nacional da JUC, foi distribuído o texto “Algumas diretrizes de um ideal histórico cristão para o povo brasileiro”, escrito pelo Comitê Regional do Centro-Oeste. Nele, a proposta é a superação do capitalismo e da necessidade de os partidos estarem ligados às classes menos favorecidas e de se confirmar “as conquistas nacionalistas” (GÓMEZ DE SOUZA, 1984, p. 162), bem como buscar “soluções que permitam às forças de trabalho um caráter prioritário no estabelecimento da nova estrutura social” (GÓMEZ DE SOUZA, 1984, p. 162). Quanto às relações internacionais, o documento defendeu que o Brasil assumisse uma posição de independência.

Essas tomadas de posição, resumidas no documento “Um ideal histórico católico para o Brasil”, publicado após o Conselho, no *Boletim Nacional da JUC*, podem ser consideradas a pedra angular dessa nova geração de jovens católicos que se volta cada vez mais para a prática política (GÓMEZ DE SOUZA, 1984). O que foi confirmado quase imediatamente após o Conselho, quando dias depois do encerramento do encontro jucista teve início o 23º Congresso da UNE, no qual um dos concorrentes era Herbert José de Souza, o Betinho, na época membro da equipe regional da JUC do Centro-Oeste. Betinho, por injunções da própria dinâmica de escolha, acabou retirando sua candidatura.

Ainda em julho de 1960, a entrevista concedida pelo frei dominicano Thomas Cardonnel, em *O Metropolitano*, como afirma Luís Alberto Gómez de Souza na apresentação da coletânea *Cristianismo hoje* (CARDONNEL; SOUZA; SOUZA, 1962), “foi a linha de separação de duas gerações”. Na entrevista sob a manchete “Deus não é mentiroso como certa paz social”, Frei Cardonnel resumia a visão de mundo que estava sendo adotada nova geração, e afirmava:

“É fácil, nessa perspectiva, apresentar o Ocidente como São Miguel, mandado pelo Céu para esmagar o dragão representado pela dialética materialista. O mundo, ao qual notava Pio XII atribuir-se enfaticamente a denominação de ‘mundo livre’, apresenta-se como possuidor de valores espirituais, aos quais ele

---

<sup>8</sup> Embora o filósofo francês Jacques Maritain houvesse cunhado a noção de ideal histórico em 1934, os militantes da JUC, especialmente os de Belo Horizonte e São Paulo, foram bastante inspirados pelos escritos de Emmanuel Mounier (GÓMEZ DE SOUZA, 1984).



dá valor de capital, e por meio disso evita qualquer reformulação. O ‘Mundo Livre’ adota uma consciência de justo. Ora, nada é tão oposto ao Evangelho quanto a ‘boa consciência’, pois contradiz a necessária consciência de pecador”. (Cardonnel *et alli*:23)

Para a geração estabelecida, esses episódios catalisaram a percepção de que havia uma harmonia absoluta entre o movimento estudantil e a JUC. E Corção foi um dos mais enfáticos a criticar a geração nascente. Isso pode ser percebido no artigo que escreveu retrucando tanto as posições de Frei Cardonnel como as da juventude católica:

“A posição do dominicano, muito encontradiça aqui nas reuniões estudantis e nas frentes nacionalistas, pretende ser de isenção, de equilíbrio, de neutralidade, de desgosto simétrico entre os dois blocos que dividem o mundo. Infelizmente, para ele, para o Convento de São Paulo e para a França, tudo isso é uma algaravia muito banal e tristemente destituída de qualquer profundidade filosófica ou teológica”. (CORÇÃO, Diário de Notícias, 31/07/1960)

A explicitação das visões antagônicas de mundo aconteceu em 14 de agosto, quando saiu publicada no *Metropolitano* uma carta aberta a Corção em defesa de Frei Cardonnel assinada por Vinícius Caldeira Brant, membro da JUC de Belo Horizonte, que, tratando de esclarecer a natureza da diferença entre as duas gerações de católicos, declarou<sup>9</sup>:

“O ponto crucial do debate que agita presentemente os meios cristãos brasileiros não se encontra numa diferença de pressupostos; não se situa mesmo, apenas, nas considerações práticas relacionadas com as minúcias de nossa ação...; a divergência entre o Centro D. Vital e os publicanos, expressão feliz de um homem atual, encontra-se na perspectiva com que cada lado encara a realidade objetiva; encontra-se no que o PE. Teilhard de Chardin chamaria de diferença entre uma Cosmovisão estática e uma Cosmovisão em movimento, ou entre uma fase galeana e uma fase darwiniana do pensamento” (CORÇÃO, Diário de Notícias, 14/8/60).

No mesmo texto, Brant evidenciou o quão intransponível era a distância entre as duas gerações de católicos:

Devo dizer-lhe, de início, que sempre julguei devesse haver uma aposentadoria para intelectuais. Por mim, antes de cuidarem da pensão, acho que deveríamos instituir para os mesmos intelectuais um exame vestibular [...]. [E concluiu] esses homens [os católicos da geração de Corção] já morreram: apenas se esqueceram de deitar” (14/08/1960).

---

<sup>9</sup> O artigo de Vinícius Caldeira Brant encontra-se no *Metropolitano*, p. 27, e também no arquivo privado de Corção, que está aberto à consulta na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro.

O argumento da idade é trazido por Caldeira Brant para definir o lugar social de Corção e sua geração. Esse lugar é o dos mortos, ainda vivos, que ficam sem lugar, pois representavam o que devia ser ultrapassado e superado.

Corção citou essa passagem na resposta que proferiu, na qual interpretou as palavras de Caldeira Brant como desrespeito e buscou uma saída para o fato de ser enquadrado como “velho”. Disse ele: “essa questão de idade é muito relativa na escala zoológica, e que, ao passo que um homem de sessenta anos ainda está na força da idade, um burro de vinte e poucos é inteiramente imprestável” (CORÇÃO, Diário de Notícias, 28/8/1960). Na sequência de sua réplica rebateu a acusação de Vinícius de que a “velha guarda” dos intelectuais católicos não queria diálogo e atrapalhava a luta nacionalista. Caso emblemático, segundo Brant, de um artigo de Corção defendendo o aumento das tarifas telefônicas pela Companhia Telefônica no momento em que a sociedade mineira se revoltava contra sua exploração. Corção, incisivamente, chamou Brant de “mentiroso” em sua colocação, visto que “é falso dizer que explora o povo pelo preço que cobra, pois é fácil provar que suas tarifas são cada vez mais baixas entre as mais baixas do mundo” (CORÇÃO, Diário de Notícias, 28/08/1960). O antagonismo entre as duas gerações de católicos também se estendeu ao posicionamento político, tendo Caldeira Brant acusado Corção de anticomunista. Corção refutou a afirmação e buscou encerrar a contenda nos seguintes termos:

*Vocês declararam a guerra. São nacionalistas quando antes de vocês terem barba na cara nós já ensinávamos que isso é um erro. Vocês nos chamam de reacionários e de entreguistas só porque não acompanhamos os berros e as reações emocionais de um grupo que vê todo mal do Brasil na pressão econômica vinda de fora. Vocês, jovens de 1960, se colocam ao lado dos espoliados e acidentalmente ao lado do dr. João Goulart: eu, por não querer a sovietação do Brasil, sou entreguista, burguês e inimigo do povo. Levo a mesma vida que levava anos atrás, quando vocês dizem que me estimavam. Não mudei. [...] Na verdade foram vocês que romperam. Queixam-se da reação que manifestei e que hei-de manifestar enquanto estiver vivo, sem se lembrarem que foram vocês que mudaram. (CORÇÃO, Diário de Notícias, 28/08/1960 – grifos meus).*

Novamente, a resposta de Corção reitera o uso de atributos infantis ou adolescentes para caracterizar os jovens católicos. Na resposta a esse artigo de Corção foi publicada, no mesmo *Metropolitano*, em 4 de setembro, uma réplica assinada por outro jucista, Antônio Octávio Cintra, que destacou a desqualificação da opinião de Caldeira Brant simplesmente pelo fato de ele ser jovem. Disse Cintra: “a ojeriza pelos ‘berros juvenis’ só por serem

juvenis, além de doentia, não fica bem entre cristãos, nem a escala cronológica das idades impede que entre nós se estabeleça a democracia, que é diálogo: neste terreno, tanto devem ouvir os de cá como os de lá” (Cintra *apud* Gómez de Souza, 1984, p. 174-175).

Tanto o ato de Caldeira Brant de remeter Corção para o lugar de “velho”, como a estratégia de Corção de tentar marcar “o estado provisório” dos jovens – que ele, Brant, representava – é significativo daquilo que Bourdieu indicou como a intensificação da sobreposição de gerações:

“há períodos em que a busca do ‘novo’, através da qual os ‘recém-chegados’ (que são também, as mais das vezes, os mais jovens em termos biológicos) impelem os que “já chegaram” para o passado, o ultrapassado, a morte social (‘está acabado’), se intensifica e em que, no mesmo lance, as lutas entre as gerações atingem uma maior intensidade” (Bourdieu, 1984, p. 162)

Essa sobreposição das duas gerações de católicos no Brasil resultou em lutas cada vez mais acirradas porque o próprio campo católico na década de 1960 estava em transformação. Em maio de 1961, a publicação da encíclica *Mater et Magistra* dá a conhecer o pensamento e a orientação de João XXIII (1958-1963) para o Orbe Católico. Com uma mensagem clara, o papa assinalou a fase de renovação e o diálogo com o mundo moderno, tratando, inclusive, dos problemas envolvendo os países subdesenvolvidos (PIERUCCI; SOUZA; CAMARGO, 1989). No Brasil, a recepção da *Mater et Magistra* provocou e reacendeu debates entre as duas gerações de católicos brasileiros, reavivando a posição dos “progressistas” e também a reação “conservadora”.

Coincidentemente, por ocasião da publicação do documento pontifício, ocorria em julho de 1961, em Natal, Rio Grande do Norte, o Conselho da JUC. Segundo Luiz Alberto Gómez de Souza (1984), os jucistas consideraram a *Mater et Magistra* um sinal da aprovação de sua linha de atuação, especialmente com a explicitação do dilema ação missionária/ação temporal. Evidentemente, os aplausos dos jucistas à carta de João XXIII não foram bem recebidos pelos setores conservadores do catolicismo brasileiro, que buscaram evidenciar os perigos de desvios interpretativos do documento pontifício. Ademais, a recepção favorável à *Mater et Magistra* nos meios políticos e intelectuais brasileiros intensificou as desconfianças da geração “conservadora” católica (GÓMEZ DE SOUZA, 1984).

Outro acaso foi que, na véspera do encerramento do Conselho Nacional da JUC em Natal, teve início o 24º Congresso da UNE, em Niterói. Entre os pré-candidatos a presidente da entidade havia dois jucistas: Aldo Arantes, então presidente do Diretório Central dos Estudantes da Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio de Janeiro, e Vinícius Caldeira Brant. Contando com o apoio dos comunistas, Aldo acabou eleito presidente da UNE, o que marcou a “ascensão católica” na liderança do movimento estudantil brasileiro e o “início de uma fase áurea do movimento estudantil brasileiro” em que a UNE foi um dos atores do jogo político nacional (POERNER, 1979, p. 188). A reação da Igreja diante do fato traduziu-se na expulsão de Arantes da JUC pelo cardeal do Rio de Janeiro, dom Jayme Câmara.

Essa participação dos jovens católicos na UNE levou Corção a ter toda a sua atenção voltada para os assuntos estudantis. Em outubro, por ocasião do Congresso da Associação Metropolitana dos Estudantes Secundaristas (Ames), que acontecia no Rio de Janeiro, Corção teceu comentários ríspidos: os estudantes foram descritos como “admiradores de *paredón* e arame farpado, [...] vagabundos dos dois sexos [...] e energúmenos” (Diário de Notícias, 26/10/1961). E o propósito do encontro de discutir a realidade nacional era “gritaria, inculcação emocional de frases, adestramento para futura sincronização de gestos e berros nas praças da sonhada República Socialista Brasileira” (Diário de Notícias, 25/10/1961). O contra-ataque da entidade dos estudantes secundaristas foi publicado em *O Metropolitano*, que questionou: “Sr. Corção, quem defende a escola pública, quem é contra o imperialismo e a remessa de lucros para o exterior é comunista?” (07/11/1961). Corção retrucou mais uma vez com o argumento da hierarquia, em que buscou desqualificar seu adversário identificando-o como “jovem”. Na ocasião afirmou “quem aos treze ou quatorze anos de idade escreve para um professor [com a pergunta acima] [...] não é comunista, é apenas um juvenzinho prosa e bobo que está capitalizando farta munição para arrependimento” (CORÇÃO, Diário de Notícias, 21/11/1961). O sentido é claro: remeter seu oponente para a adolescência, reiterando com isso seu lugar e poder.

Luiz Alberto Gómez de Souza indica que a Juventude Operária Católica (JOC) era percebida pelos conservadores como contraponto às investidas hereges dos jucistas, pois “realizava no momento [1961] um trabalho, sobretudo religioso entre os jovens trabalhadores” (GÓMEZ DE SOUZA, 1984, p. 180) e estava em acordo com a “política

oficial” da Igreja (GÓMEZ DE SOUZA, 1984, p. 181). Por ocasião do II Conselho Mundial da JOC, ocorrido na capital carioca, em outubro de 1961, Corção explicitou o acerto da atuação dos jocistas: “A JOC é a mais bem-sucedida das siglas católicas, e por uma estranha ironia das coisas sendo uma associação de operários é a que sofreu menores influências das seduções comunistas” (CORÇÃO, Diário de Notícias, 9/11/1961). É possível inferir pelas suas considerações sobre a JOC que qualquer politização do laicato era mal vista, entendida como lances para a implantação do comunismo entre os católicos brasileiros.

Na crônica datada de 17/12/1961, Corção retratou com clareza essa posição e assinalou seu desejo de que o Concílio Vaticano II (que ocorreu entre 1962 e 1965), ainda em fase preparatória, enquadrasse os arroubos do engajamento temporal da Ação Católica, reiterando a visão de mundo de que a tarefa da Igreja e dos leigos era de cunho religioso. Disse ele:

À Igreja compete julgar e dirigir os esforços humanos com indicações fundamentais; mas não compete achar os meios de promoção da justiça social e da melhor convivência política. Caindo no extremo oposto das omissões cometidas, durante o período da civilização liberal burguesa, muitos católicos procuram hoje comprometer atabalhoadamente os órgãos de ação católica em instrumentos de ação temporal, e se julgam mais evoluídos, mais avançados do que o comum dos mortais. O erro é cansativamente oscilante, e o que se hoje se vê no chamado catolicismo de esquerda não é senão a figura simétrica do capitalismo burguês. O eixo comum de simetria é o naturalismo, ou a aversão pelos critérios de eternidade que são os específicos critérios da Igreja”. Seja, porém, como for, esperamos do próximo Concílio, em vista da tremenda perturbação dos tempos presentes, algumas indicações mais nítidas que ajudem a pobre humanidade a resolver os problemas que se transformaram em esfinges devoradoras (CORÇÃO, Diário de Notícias, 17/12/1961).

As bandeiras a favor das reformas de base, do nacional-desenvolvimentismo, do regime de Fidel Castro em Cuba, entre outras iniciativas, vinham dando sentido de grupo social e político à JUC, e, ainda que existissem diferenças em seu interior, consolidaram a percepção de seus adversários de que a entidade “flertava” com a ideologia comunista. Por outro lado, Gómez de Souza (1984) chama a atenção que a JUC também foi percebida nesse momento como inimiga por todos os lados, inclusive entre os comunistas (GÓMEZ DE SOUZA, 1984).

A incompatibilidade entre a concepção que vinha sendo construída na JUC e o pensamento dominante da hierarquia levou alguns estudantes católicos, especialmente de Belo Horizonte, a organizar uma reunião no início de 1962 na capital mineira em que foram convidados, segundo Gómez de Souza, uma centena de estudantes mineiros, cariocas, paulistas e pernambucano, bem como intelectuais, políticos e dirigentes da UNE. O encontro fundou um movimento de esquerda cristão, nesse momento sem um nome, que passou a ser conhecido na imprensa por “grupão” (GÓMEZ DE SOUZA, 1984, p. 198). Em junho de 1962, um dos nomes desse “grupão”, Vinícius Caldeira Brant, foi eleito presidente da UNE, sucedendo assim Aldo Arantes. Isso consolidou o poder dos católicos na direção da entidade. Em março de 1963, o movimento teve o seu ato formal de fundação, recebendo o nome de Ação Popular (AP). Em seu documento de fundação, a identidade geracional do grupo é ressaltada. Sua introdução diz: “a Ação Popular é a expressão de uma geração que traduz em ação revolucionária as opções fundamentais que assumiu como resposta ao desafio de nossa realidade” (GÓMEZ DE SOUZA, 1984, p. 199).

O reconhecimento do pertencimento geracional por esses jovens é um indicativo de que nesse momento o laicato brasileiro esteve sob pressão de uma geração que perdeu o “sentido de limites”, não mais respeitando as regras de sucessão (BOURDIEU, 1984). Isso é evidenciado quando Corção, ao comentar a fundação da AP, irônica e maliciosamente afirmou:

Eles se reúnem, ora na casa deste, ora no apartamento daquela, dizendo aos papais e às títias que estão cuidando dos problemas brasileiros. *E explicam que são as pessoas mais indicadas para encontrar as verdadeiras soluções porque são jovens, e sendo jovens possuem a vivência e o diálogo.* São, às vezes, três rapazes e quatro moças, ou três moças e quatro rapazes, e quase sempre prolongam os estudos [...] até as três ou quatro horas da madrugada. [...] Justiça seja feita: eles nem sempre se atêm ao estrito programa do diálogo e da vivência que o grande momento histórico está a exigir dos capazes. [...] Às vezes, [...] eles se ocupam de outros mistérios mais desligados do momento histórico, e repetem os antiqüíssimos programas que já nos tempos dos faraós os moços e moças executavam sempre que os papais, as mães e as títias lhes proporcionassem uma ocasião. [...] Um dia eles tiveram de inventar uma denominação para esse especialíssimo grupo de trabalho. *E, então para se precaverem contra a terrível possibilidade de serem apontados como um ‘grupinho’, os mocinhos e as mocinhas tiveram uma idéia. O grupinho delesinho seria chamado ‘Grupão’.* (CORÇÃO, Diário de Notícias, 19/04/1963 – grifos meus).

Esse artigo, em que descreve a AP, foi o mais cruel, pelas insinuações feitas, à juventude católica. O argumento moralista e, ao mesmo tempo, de desqualificação da

atuação da AP denota uma violência que, até então, estivera mascarada pela ironia ferina e pelo argumento de autoridade baseado na maturidade e na experiência. Vale notar que Corção busca desconstruir para seus leitores a categoria “jovem”, pondo em seu lugar a de “moço”. Com isso, tencionou desfazer as possíveis ou relativas *similaridades* entre os jovens ou os grupos sociais de jovens (em termos de situações, expectativas, aspirações, consumos culturais, por exemplo), colocando em seu lugar o ser “moço”, ou seja, o “ser criança, adolescente, pessoa de meia-idade e velho”. Fazendo uso de um atributo de uma fase de vida, etário, Corção, novamente, pretendeu negar à juventude católica qualquer semelhança geracional. Assim, Corção os remetia à infância e à adolescência, opondo-se à autoimagem que vinha sendo construída pelas organizações de jovens católicos, especialmente a JUC, que se considerava e reconhecia compartilhando crenças, símbolos, normas e práticas em comum, portanto, como um grupo social e político.

Sob outra perspectiva, o aspecto geracional também pode foi mobilizado pelos jovens da JUC e/ou da AP. Herbert José de Souza, o Betinho, em depoimento que foi publicado, em 1962, em *Cristianismo hoje*, livro editado pela editora da UNE, afirmou:

“Presto o depoimento de um *grupo*. Tenho a pretensão de falar por muitos de *minha geração*. Nossa história, ou a *história de nosso engajamento*, de nossa conversão, tem seus personagens e seus episódios, suas vitórias e suas decepções mais profundas. Mas depois de tudo, que não é muito, sentimos perfeitamente a continuidade e o aperfeiçoamento de nossa vocação inicial, sem traições, acomodamentos e heresias” (Cardonnel *et alli*, 1962, p. 1007 – grifos meus)

A clareza quanto aos elementos que davam sentido à ideia de uma geração para esses jovens católicos foi sintetizada logo a seguir, quando expôs o âmago da visão de mundo dessa geração: “a adesão ao drama do homem, de todos os homens, a luta pela universalização concreta da Redenção colocada, não no plano de uma visão dualista, mas de uma concepção do homem como um todo, indissociável, organicamente definido” (CARDONNEL; SOUZA; SOUZA, 1962, p. 108). A continuação do depoimento traz a menção à origem dessa geração e também à diferença para a geração de Corção. Disse Betinho:

*somos de um lado o prolongamento de uma geração de cristão e por outro lado os contrerrâneos do despertar para o sentido do Universal. [...]*

Alguns de nós começamos nosso aprendizado no movimento estudantil, como elementos da Ação Católica. No princípio uma JEC animada por jovens assistentes entusiastas. Esta experiência evidenciou que se poderia ser normal e cristão ao mesmo tempo, que o cristianismo não era uma escola para a formação de efeminados e histéricos pregadores do inferno e do anticomunismo. *Ensinava-se uma mensagem positiva, um Absoluto a testemunhar*. Pela Fé, Cristo significava para muitos de nossa geração um forte apelo a uma dupla revolução: a superação em nós da negação do amor, o comodismo, a indiferença pela sorte da humanidade de um lado, nossa inserção enquanto cristãos numa luta concreta de transformação social, do outro. *Não é sem razão que a essa altura os livros de Corção exerceram sobre nós uma influência benéfica*: a descoberta do outro, a superação da subjetividade que isola. Hoje lamentamos o autor que certamente não saberia escrever um livro que tivesse por título: a descoberta dos outros... *Enfim, a superação em nós de velhas e deformadas visões de um cristianismo místico, supersticioso e forma*” (Cardonnel *at alli*, 1962, pp. 108-109 – grifos meus).

Na primeira metade dos anos de 1960, a geração da JUC, que depois foi para a AP, conseguiu junto com outros atores políticos, fixar Corção no passado, identificando-o ao velho e ao ultrapassado. Na batalha que foi travada no campo católico brasileiro, o depoimento de Herbert José de Souza explicita o motivo que levou à necessidade da superação da geração já estabelecida: uma nova visão de catolicismo e, conseqüentemente, uma nova resposta para a pergunta que orientou este texto, qual seja, a de que o papel que deveria ter a juventude católica para essa geração era o do engajamento temporal.

## Conclusão

O embate no campo católico brasileiro dirigido por Gustavo Corção às organizações de jovens católicas e à organização nacional dos estudantes brasileiros – a UNE – pode ser entendido numa perspectiva geracional, tal como definida por Pierre Bourdieu (1984). Para esse autor, os conflitos de gerações são “conflitos entre sistemas de aspirações” em que a velhice “é também um declínio social, uma perda de poder social” (BOURDIEU, 1984, p. 159). No caso aqui apresentado, houve uma luta pelo posto de porta-voz do laicato brasileiro entre a geração que militava no Centro Dom Vital – que comungava as mesmas ideias que Corção e que as representou na imprensa carioca –, e os militantes da JUC e da AP até 1964 e a “juventude católica” em geral após 1964.



A força do argumento da idade, evidenciada tanto nas inúmeras tentativas feitas por Corção – que paulatinamente passou a referir-se a eles sempre como “moços” – como pelos jucistas/AP teve consequências significativas para os últimos, pois ao fixar Corção e sua geração como “velhos” conseguiram constituir-se enquanto geração, e concorrente. Isso os permitiu disputar, e muitas vezes tomar, os lugares de poder do catolicismo brasileiro que até então estavam ocupados pela geração de Corção.

Nessa batalha, uma das armas foi o papel que deveria ter a juventude católica. As concepções envolvidas na resposta sempre estiveram ligadas ao peso maior ou menor para uma questão pendular no catolicismo: engajamento temporal/engajamento religioso. Tratá-la nos permitiu compreender que a geração dos jucistas/AP perdeu o “sentido dos limites”, usando argumentos para impelir os que “lá estavam” para o “passado, o ultrapassado, a morte social” (BOURDIEU, 1984, p. 162). Isso fica evidente a partir da publicação do artigo de Vinicius Caldeira Brant, que pela primeira vez manifesta publicamente que a geração de Corção é “velha”, ultrapassada, representativa do passado. Por outro lado, as reações de Corção foram tentativas de manutenção de um poder que só se sustentaria no tempo se conseguisse que os jovens católicos ficassem eternamente na adolescência, como Peter Pan. Buscando preservar o poder de sua geração, que vinha desde a criação do Centro Dom Vital orientando politicamente os “jovens” católicos, Corção lhes impunha um lugar numa ordem pré-estabelecida, que foi rechaçada pela geração da JUC/AP. Para concluir, este texto espera ter explicitado como a luta entre “jovens” e “velhos” católicos na década de 1960 acabou sendo uma luta de poder no laicato brasileiro.

## REFERÊNCIAS

ABREU, A. A. et al. (Org.). **Dicionário histórico-biográfico brasileiro: pós-1930**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001.

AZZI, R. O Concílio Vaticano II no contexto da Igreja e do mundo: uma perspectiva histórica. In: MOREIRA, A. S.; RAMMINGER, M.; SOARES, A. M. L. (Orgs.). **A primavera interrompida: o projeto Vaticano II num impasse**. Disponível em: <[www.servicioskoinonia.org/LibrosDigitales/LDK/LDK2.pdf](http://www.servicioskoinonia.org/LibrosDigitales/LDK/LDK2.pdf)>. Acesso em: 15 out. 2006.

BOURDIEU, P. Juventude é apenas uma palavra. In: BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Lisboa: Fim de Século, 1984. p 151-162. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/35072976/Questoes-de-Sociologia-Pierre-Bourdieu>>. Acesso em: 28 fev. 2012.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

BRUNEAU, T. **Catolicismo brasileiro em época de transição**. São Paulo: Loyola, 1974.

CARDONNEL, F.; SOUZA, P. H.; SOUZA, H. J. **Cristianismo hoje**. Rio de Janeiro: Ed. Universitária da UNE, 1962.

CORÇÃO, G. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro (1953-1967).

CORÇÃO, G. **O Globo**, Rio de Janeiro (1968-1978).

COSTA, M. T. **Um itinerário no século: mudança, disciplina e ação em Alceu Amoroso Lima**. 325p. Tese (Doutorado em História Social da Cultura) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

GÓMEZ DE SOUZA, L. A. **A JUC: os estudantes católicos e a política**. Petrópolis (RJ): Vozes, 1984.

GUIMARÃES, C. Vargas e Kubitschek: a longa distância entre a Petrobras e Brasília. In: CARVALHO, M. A. R. (Org.). **República no Catete**. Rio de Janeiro: Museu da República, 2001, pp.155-175.

MANNHEIM, K. **Karl Mannheim: sociologia**. Organizadora Mariaalice Mencarini Foracchi. São Paulo: Ática, 1982. 215p (Grandes cientistas sociais: 25).

MANNHEIM, K. El problema de las generaciones. **Revista Española de Investigaciones Sociológicas (REIS)**, Madrid, n. 62, p. 193-242, 1993. Disponível em: <<http://www.jstor.org/pss/40183643>>. Acesso em: 28 fev. 2012.

MANNHEIM, K. O problema da “intelligentsia”: um estudo de seu papel no passado e no presente. In: MANNHEIM, K. **Sociologia da Cultura**. Trad. Roberto Gambini. São Paulo: Perspectiva, 2004, pp. 69-139.

MAINWARING, S. **Igreja Católica e política no Brasil (1916-1985)**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

PAULA, C. J. **“Combatendo o bom combate”**: política e religião nas crônicas jornalísticas de Gustavo Corção (1953-1975). 269 p. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

PIERUCCI, A. F. O.; SOUZA, B. M.; CAMARGO, C. P. F. Igreja Católica: 1945-1970. In: **História geral da civilização brasileira** (o Brasil republicano: economia e cultura – 1930-1964). 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. t. 3, v. 4, p. 343-380.

POERNER, A. **O poder jovem**: história da participação dos estudantes brasileiros. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

VILLAÇA, A. C. Dez livros em trinta anos. In: VILLAÇA, A. C. **O pensamento católico no Brasil**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975, p. 143-151.